

POR QUE DEUS USA PESSOAS COMO SANSÃO?

*Daniel Santos Jr.**

RESUMO

Este artigo é uma proposta de leitura de Juízes 15 que leva em consideração estudos recentes em crítica literária do Antigo Testamento. A pergunta levantada no título do artigo é respondida através da metáfora de um “inadimplente vocacional”, que é usada para ilustrar o conceito de *competência literária*, uma virtude que o autor acredita ser indispensável à maturidade cristã. O argumento central do artigo está construído sobre a premissa de que os juízes de Israel, da maneira como são apresentados na narrativa, vão se tornando cada vez mais corruptos e mundanos, o que faz de Sansão (o último juiz descrito no livro) um indivíduo de caráter deplorável. Daí o dilema implícito no título do artigo: Por que Deus usaria uma pessoa como Sansão? Como Deus gostaria que os demais que buscam diligentemente a sua unção através de uma vida temente, piedosa e santa entendessem o fato de ele ter revestido Sansão com o Espírito em determinados momentos de sua vida? O autor conclui que Deus usa pessoas como Sansão por causa da inadimplência vocacional do seu povo, por causa da relutância deste em responder apropriadamente àquilo para o que foi chamado.

PALAVRAS-CHAVE

Sansão; Crítica literária; Competência literária; Juízes 15.

INTRODUÇÃO

Qual é o parâmetro usado por Deus quando ele decide revestir com o seu Espírito pessoas como Sansão? À primeira vista, a conexão entre o “revesti-

* O autor é ministro ordenado da IPB e lecionou por cinco anos no Seminário Presbiteriano Brasil Central (Goiânia) antes de iniciar o seu mestrado em 1998 no Covenant Theological Seminary (St. Louis, Missouri). Está concluindo o curso de doutorado (Ph.D.) em Antigo Testamento na Trinity International University (Deerfield, Illinois). Reside atualmente em Goiânia.

mento do Espírito” e a “piedade” daquele que recebe tal revestimento não é levada em consideração no caso de Sansão. Por que Deus faria isto? Como ele gostaria que os demais que buscam diligentemente a sua unção através de uma vida temente, piedosa e santa entendessem o revestimento do Espírito na vida de Sansão? Tradicionalmente, teólogos e líderes preferem promover alguns traços da vida de Sansão que ajudem a justificar a sua unção. Exemplos clássicos incluem a matança dos filisteus e a heróica destruição do templo de Gaza. Considerando que os filisteus protagonizam sempre os “inimigos” do povo de Deus, a conclusão de que Sansão trouxe libertação para o povo de Israel através de sua morte sacrificial parece inevitável.

Todavia, mesmo que estejamos dispostos a imaginar que esta seja a verdade que justifica a unção de Sansão, uma exegese mais detalhada da narrativa confronta o leitor com uma miríade de perguntas e questões que refutam sistematicamente tal conclusão. Como explicar a atitude consistente de Sansão de desprezar e ridicularizar as obrigações oriundas do seu voto de nazireu? Como explicar sua atitude promíscua e mundana em relação a mulheres, casamento e família? Como explicar a sua inclinação à violência e ao rancor constantemente guiando as suas artimanhas? A menos que acreditemos e procuremos uma *boa razão* operando por trás de toda a história de Sansão, é muito difícil esquivar-se da conclusão óbvia (e perigosa) de que a sua unção foi um grande desperdício. Convicto de que esta não é a melhor solução para o problema, eu gostaria de oferecer neste artigo algumas sugestões e exemplos de como ler as narrativas de Sansão. Tais sugestões exigirão, em certos pontos, considerações semânticas e literárias no texto massorético. Uma proposta da estrutura da passagem será oferecida tanto em hebraico como em português (ARA).

1. ESTABELECENDO UM MÉTODO DE LEITURA

O capítulo 15 de Juízes é uma obra literária composta de quatro cenas.¹ Elas descrevem a segunda fase do estranho envolvimento de Sansão com a primeira das quatro mulheres filistéias com quem ele se envolveu. A narrativa começa com o seu plano de visitar sua suposta esposa e se desenvolve numa seqüência de tragédias cujas implicações afetam tanto o círculo imediato de

¹ Uma “cena” é uma unidade criada pela combinação de vários eventos em que os personagens e o cenário permanecem os mesmos. Quando todos ou algum destes elementos é substituído, uma nova cena se inicia. Conferir BAR-EFRAT, Shimon. *Narrative art in the Bible*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1984, p. 31. Para outras maneiras de dividir o texto, ver BADER, Winfried. *Simson bei Delila: Computerlinguistische Interpretation des Textes Ri 13-16*. Tübingen: Francke, 1991; BALSCHKEIT, Bruno. *Simson, ein Retter Israels; eine Auslegung der Kapitel 13-16 des Richterbuches*. Zürich: Zwingli-Verlag, 1940. Estudos mais recentes incluem COHEN, Joseph. *La legende de Samson (Juges 13-16): recherches philologiques et historiques sur la legende de Samson, son origine et sa signification*. Lyon, 1985, e BLOCK, Daniel I. *Judges and Ruth*, vol. 6, *The New American Commentary*. Nashville: Broadman and Holman, 2002.

sua família como a comunidade da qual ele fazia parte. Numa tentativa diplomática de conter a fúria dos filisteus, os homens de Judá se envolvem na situação criada por Sansão, não para protegê-lo, mas para entregá-lo nas mãos dos filisteus. A passagem termina com duas conclusões temáticas descrevendo a reação de Sansão ao ocorrido.

O primeiro passo de nossa investigação diz respeito à competência literária: como devemos ler a narrativa de Sansão? Como lidar com todas as ênfases, contrastes, rimas, poesias, figuras de linguagem, pistas históricas e geográficas que abundam em toda a estrutura da passagem? Como ter certeza se estamos de fato lendo o texto ou se estamos usando o texto como um *espelho literário*, no qual podemos ver o reflexo daquilo que nós, leitores, gostaríamos que o texto falasse? É verdade que o processo de leitura envolve uma interação complexa entre leitor e texto a fim de que um ato comunicativo aconteça, mas se tal interação se limita apenas a utilizar o texto para drenar meus anseios e expectativas para fora da minha mente usando as palavras do texto, tal interação é tanto enganosa como prejudicial. Na verdade, ela acaba por ludibriar o leitor, levando-o a crer que ele realmente esteja lendo. Neste caso, o texto se torna um divã para a mente cansada e improdutiva, ajudando o leitor a dizer o que ele quer usando as palavras do texto. Tenha tal interação o benefício que tiver, ela ainda permanece como um grande obstáculo para desfrutarmos daquilo que realmente deveria ser chamado *leitura*. Um sintoma comum de que estamos provavelmente usando um texto como espelho literário é a incapacidade e impaciência de querer entender aquilo que colide frontalmente com nossas convicções. Em tese, todos nós deveríamos ser capazes de ler tanto os textos que *suportam* como os que *minam* nossas convicções e pressupostos. Ser capaz de antever os equívocos daquilo que se está lendo é indubitavelmente uma virtude, mas ser incapaz de ler por causa dos equívocos que se espera encontrar na leitura é uma falta de virtude.

Saber *ler* um texto ainda pode ser considerado uma virtude rara. A competência literária a que me refiro aqui tem a ver com a habilidade de identificar o gênero literário daquilo que se lê e responder apropriadamente àquele gênero.²

² Adoto aqui a teoria de um “ato comunicativo”, segundo o modelo de VANHOOZER, Kevin J. *Is there a meaning in this text? The Bible, the reader, and the morality of literary knowledge*. Grand Rapids: Zondervan, 1998, o qual enfatiza o caráter performativo da comunicação. Para Vanhoozer, “o objetivo principal da interpretação é *entender* o texto. Tal “entendimento”, contudo, envolve mais do que adquirir conhecimento a respeito do texto. “Entender” é uma questão de estabelecer um contato cognitivo com aquilo que o autor estava *fazendo* no texto bem como com aquilo que o texto está tratando”, p. 324. Ser capaz de entender o que o autor estava *fazendo* diz respeito à capacidade de identificar os mecanismos literários usados pelo autor para indicar a ênfase de sua mensagem. Ler, portanto, não se limita apenas ao processo de identificar o que o texto está tratando, mas deve incluir também a sensibilidade ao estilo literário em uso. Para uma definição mais completa da teoria de Vanhoozer, ver também *First theology: God, Scripture and hermeneutics*. Downers Grove: InterVarsity, 2002, e *The Cambridge companion to post-modern theology, Cambridge companion to religion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

Permita-me ilustrar este conceito de maneira mais concreta, visto que ele se tornará o pivô central de minha argumentação. Imagine um arqueólogo que vive mil anos no futuro (3005 d.C.) tentando ler um documento datado do ano 2005 d.C. Suponhamos que tal documento seja um boleto bancário com autenticação mecânica mostrando que foi pago. Para aqueles que vivem no ano 3005, quando os boletos bancários já entraram em desuso há quinhentos anos, como imaginar a sua tentativa de “ler” esse documento? O primeiro pressuposto é de que ele não teria absolutamente a menor idéia do significado e uso daquele pedaço de papel. Os quinhentos anos que separam o contexto do arqueólogo do documento que ele investiga abrem um precedente para os mais diversos tipos de leituras e conjecturas a respeito do possível propósito e significado de tal documento. Ignorante do propósito e função de um “boleto bancário”, o arqueólogo gastaria uma quantidade considerável de tempo investigando partes do documento que não têm absolutamente nenhuma relevância para a mensagem que um boleto bancário se propõe a comunicar. Um pequeno detalhe como a “autenticação mecânica”, extremamente importante para a validade do documento, poderia passar despercebido por falta de familiaridade com o propósito e função daquele documento.

Por outro lado, a capacidade de identificar o gênero literário de tal documento traria uma atenção imediata a informações específicas, deixando de lado muitos outros detalhes que não têm a mesma importância. O leitor familiarizado com o propósito e função de um boleto bancário, por assim dizer, é *competente* para reconhecer o tipo de documento em mãos e dirigir a sua atenção imediatamente para aspectos relevantes da mensagem contida naquele pedaço de papel. A sua capacidade de responder apropriadamente ao gênero literário de um boleto criará expectativas genuínas a respeito das informações que tal documento pode fornecer. Toda esta interação dinâmica entre o leitor e o boleto acontece dentro de um contexto que assume a presença de um indivíduo tentando comunicar uma mensagem a um (ou vários) outro(s) indivíduo(s). Semelhantemente, todo aquele que deseja fazer uma leitura genuína das narrativas de Sansão precisa atentar às dicas literárias que o narrador comunica através do texto, focalizando a atenção do leitor naquilo que realmente representa o interesse do narrador. A propósito, no que tange às narrativas de Sansão, tenho observado maior interesse de pastores e líderes nas peripécias de Sansão com os rabos de raposas e a queixada de jumento do que na mensagem propriamente dita.

A tarefa então começa com esta premissa básica: os textos fazem parte de um processo mais amplo denominado “ato comunicativo”, o qual é composto de três elementos (autor, texto e leitor). Uma leitura que considera o texto como uma entidade autônoma, desconectado especialmente da intenção do autor, se torna uma leitura limitada e incapaz de perceber os recursos literários utilizados pelo autor para indicar ênfase, foco ou tópico daquilo que o texto está tratando.

Quais são as balizas que nos orientam em direção àquilo que o autor comunicou através desse texto? Como pano de fundo geral, o narrador deixa claro que está usando o conteúdo de Deuteronômio para estruturar os fatos históricos do período dos juízes. Assim sendo, longe de estar simplesmente tricotando fatos e eventos aleatórios, o narrador pressupõe que o leitor possui certa familiaridade com o conteúdo de Deuteronômio.³ Olhando mais de perto, como um pano de fundo mais específico, as duas introduções do livro de Juízes têm o propósito de criar uma expectativa literária no leitor. Younger conclui corretamente que “Juízes 1:1–2:5 introduz o leitor ao paradigma de uma omissão crescente de Israel em expulsar os cananeus, um paradigma refletido na degradação moral da vida dos principais juízes”.⁴ Qualquer leitura desta etapa da vida de Sansão que ignore este paradigma de degradação moral se torna uma leitura deficiente, porque não está atenta às balizas semânticas proporcionadas pelo narrador. Em outras palavras, dada a riqueza literária do texto em questão, existem muitas maneiras válidas de se apropriar da mensagem do texto, mas o narrador escolheu uma dentre elas. Para os propósitos deste artigo, assumo a perspectiva sugerida por Younger como sendo legítima e consistente com o Livro de Juízes como um todo. Ou seja, o narrador descreve os fatos com este paradigma em mente, um paradigma em que os juízes vão se tornando cada vez mais corruptos e afastados daquilo que Deus tinha em mente para Israel.

2. EXPECTATIVAS E TENSÕES

Considerando que Sansão é o último juiz descrito no livro, os acontecimentos relacionados à sua vida desempenham um papel fundamental no desenrolar do argumento do narrador. Nesta seção tentarei salientar alguns mecanismos literários utilizados pelo narrador, os quais proporcionam o que eu defino aqui como “expectativas e tensões”. Devido à natureza dos textos literários escritos em forma de narrativa, o narrador pode reter informações a respeito de pessoas ou situações para serem reveladas posteriormente. Essa retenção de informações e detalhes tem o propósito de gerar no leitor certo grau de expectativa e curiosidade. Bar-Efrat observa corretamente que

³ Para uma discussão mais detalhada do relacionamento entre Juízes e Deuteronômio, ver BLOCK, *Judges and Ruth*, p. 25-72, e especialmente YOUNGER JR., K. Lawson, *Judges/Ruth, The NIV Application Commentary Series*. Grand Rapids: Zondervan, 2002, p. 21-48.

⁴ YOUNGER JR., *Judges/Ruth*, p. 31. Em outro artigo, *Judges 1 in its Near Eastern literary context*, em *Faith, Tradition & History*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1994, Younger demonstra ainda que a ordem utilizada para descrever a omissão de Israel em Juízes 1 revela um movimento do sul para o norte, paradigma este que será seguido no decorrer do livro. Conferir as diferentes posições no estudo realizado por HOUTMAN, C. e SPRONK, Klaas. *Ein Held des Glaubens? Rezeptionsgeschichtliche Studien zu den Simson-Erzählungen* Leuven: Peeters, 2004.

considerando que a narrativa é revelada ao leitor gradualmente, o autor pode explorar a ignorância do leitor temporariamente com o objetivo de aumentar o interesse e a tensão.⁵

Infelizmente alguns cristãos desenvolvem o mau hábito da leitura aleatória do texto bíblico, o que reduz drasticamente o efeito de tais mecanismos literários.

Juízes 15 é parte de um corpo maior que vai de 13:1 a 16:31. Muitos detalhes do capítulo 15 somente terão uma perspectiva correta se considerados em relação a essa estrutura maior da qual Juízes 15 faz parte. Existem inúmeros comentários antecipatórios feitos antes do capítulo 15 que lançam grande luz sobre detalhes do texto. Segundo o escopo de 13:1 a 16:31 (doravante “macroestrutura”), a história de Sansão é descrita em três passos, cada passo sendo construído em cima de *comentários antecipatórios, expectativas e tensões* do passo anterior.⁶ Não seria nenhum exagero dizer que a macroestrutura impõe certas expectativas que desafiam o leitor atento a tirar as suas conclusões em cima de algumas partes do texto ao invés de outras. Um bom exemplo disto é o chamado de Sansão. Juízes 13 deixa claro que a vida e as obras de Sansão deveriam ser consideradas como parte de um propósito divino. Isto parece um ponto pacífico, pois o narrador não manifesta o menor interesse em explicar a maneira como Sansão responde ao seu chamado. O nascimento de Sansão foi duplamente confirmado como uma obra divina. As expectativas concernentes

⁵ BAR-EFRAT, Shimon. *Narrative art in the Bible*, *Journal for the Study of the Old Testament*, Supplement Series 70 (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1984), p. 141. O estudo de estratégias literárias usadas em narrativas é uma área muito vasta que tem proporcionado os mais diversos tipos de métodos para o estudo do Antigo Testamento. ALTER, Robert. *The art of Biblical narrative*. New York: Basic Books, 1994, pode ser de grande auxílio para pastores e leigos. Uma referência bibliográfica mais técnica pode ser encontrada em HOUSE, Paul R. *Beyond form criticism: essays in Old Testament literary criticism, sources for Biblical and theological studies*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1992.

⁶ SOGGIN, J. Alberto. *Judges: a commentary*. The Old Testament Library. Philadelphia: Westminster, 1981, não é muito otimista a respeito dessa dependência literária entre as partes de Juízes 15. Para ele, “elas são histórias autônomas que não precisam vir uma depois da outra. Tudo o que elas têm em comum é o mesmo protagonista – Sansão”, p. 247. Eu não teria nenhuma dificuldade em aceitar sua sugestão de que estas histórias já existiram anteriormente de forma independente. Contudo, o texto diante do leitor agora não é mais uma história isolada, mas um corpo maior formado de várias partes. Neste caso, a relação entre as partes me parece crucial, como tentarei mostrar neste artigo. As seguintes obras têm sido cruciais na formação de minha opinião: ALTER, Robert. *The art of Biblical narrative*; BAR-EFRAT, Shimon. Some observations on the analysis of structure in Biblical narrative, in *Beyond form criticism: essays in Old Testament literary criticism*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1992; HEIMENDINGER, Jean-Marc. Topic, focus, and foreground in ancient Hebrew narratives, *Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series 295*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999; MILLER, Cynthia L. *The representation of speech in Biblical Hebrew narrative: a linguistic analysis*. Harvard Semitic Monographs 55. Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 2003; e CLINES, David J. A. Story and poem: the Old Testament as literature and as Scripture, in *Beyond form criticism: essays in Old Testament literary criticism, sources for Biblical and theological study 2*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1992.

ao seu voto de nazireu estão baseadas em Números 6:1-21. Com respeito ao *papel* que Sansão desempenharia no plano de Deus para Israel, nós somos informados de que ele “começaria a libertar Israel dos filisteus”. Todas estas informações são encontradas na macroestrutura à vista do leitor atento.

É óbvio que essas informações são cruciais para uma correta leitura do capítulo 15, não obstante as tensões e expectativas que elas causam no leitor. Mas é exatamente este o propósito de tais informações – gerar tensão e suspense! Elas fazem parte da estratégia literária do autor que Deus usou para repreender uma geração de líderes em decadência. Em outras palavras, como conciliar o chamado de Sansão descrito na macroestrutura com o seu caráter deplorável no capítulo 15? Como entender a ação do Espírito do Senhor na vida de Sansão no clímax de sua rebeldia? Como entender a frase “ele julgou Israel por vinte anos” (15:20) se a sua vida e “ministério” trouxeram mais servidão do que libertação para Israel? É errôneo concluir que a morte heróica de Sansão no templo dos filisteus trouxe o fim da opressão filistéia. Israel ainda continuou sob o jugo filisteu por muito tempo, pelo menos até o tempo de Davi.

Diante destas tensões criadas pela macroestrutura, o narrador parece usar o capítulo 15 para convencer o leitor de que Sansão não tinha absolutamente nenhuma intenção de cumprir as expectativas criadas a seu respeito. Ele simplesmente ignorou aquilo que, sendo um nazireu, era esperado dele. Desde o capítulo 14:1-20 o leitor atento já deveria começar a desconfiar da legitimidade do chamado de Sansão, uma vez que ele parece propositalmente quebrar cada aspecto do seu voto. Dentre eles, a decisão de “envolver-se” com uma mulher filistéia é um fato que transfere conseqüências para dentro do capítulo 15, pois o capítulo 14 mostra a tensão evidente entre o *seu desejo* e o *seu chamado*.⁷ Talvez este seja um bom exemplo das tensões criadas pelo autor para enfatizar posteriormente certos aspectos da narrativa. Desprezar tais tensões aumenta o risco de uma leitura que enfatiza o que não era parte da intenção original do autor. E uma leitura que não se interessa em enfatizar o que o autor pretendia enfatizar é suspeita de refletir, inadvertidamente, apenas os interesses do leitor.

Em suma, o âmago de toda a tensão relacionada ao ministério de Sansão, como um “juiz” de Israel, pode ser reduzido a uma simples pergunta: Por que Deus usa uma pessoa como Sansão? Em outras palavras, por que Deus insiste em usar e revestir com poder uma pessoa que é declaradamente indiferente à vontade divina? Essa pergunta irá guiar o comentário a seguir.

⁷ A tensão a que me refiro aqui entre o desejo e o chamado é exemplificada no capítulo 14 quando Sansão “manda” seus pais conseguirem a mulher filistéia que ele *desejava*. Em resposta, seus pais tentaram convencê-lo de que tal *desejo* conflitava com o seu *chamado*, o que Sansão demonstrou não ter a menor importância em sua decisão.

3. COMENTÁRIO

O capítulo 15 de Juízes não precisava existir. O fato de que ele existe só não é lamentável porque o narrador nos garante que a vida de Sansão, de uma maneira ou de outra, faz parte do plano de Deus para Israel. Quando o capítulo 14 se encerra, o leitor contempla com alívio o fim de tanta tragédia resultante da conduta de Sansão. O fato de Sansão se envolver novamente com pecados que trouxeram enormes conseqüências para tantas pessoas é simplesmente inacreditável. É nesse sentido que eu digo que este capítulo não precisava existir. Mas já que ele existe, cabe-nos perguntar como deveríamos lê-lo de maneira que reflita a verdadeira ênfase do texto. Aparentemente o narrador usa o capítulo 15 para descrever outras conseqüências da decisão de Sansão de “voltar” com a mulher filistéia. Os capítulos 14 e 15 são na verdade descrições paralelas de um mesmo evento – o envolvimento de Sansão com a mulher filistéia. O argumento do capítulo 15 é desenvolvido em quatro cenas, as quais são identificadas neste artigo como C1 (ver Figura 1), C2, C3 e C4. O capítulo termina com duas conclusões temáticas, referidas doravante como CT1 e CT2.

3.1 Sansão é confrontado pela primeira vez (C1)

O capítulo 15 começa com um comentário antecipatório que situa o leitor num período específico do ano – o tempo da colheita do trigo. Embora seja um detalhe aparentemente insignificante, esse comentário antecipatório prepara o leitor com um pano de fundo agrícola e econômico, o qual explicará a gravidade da atitude de Sansão em C2. A primeira cena (C1) descreve o relacionamento entre Sansão e o pai da mulher filistéia. C1 compara as *ações* e *intenções* de ambos os personagens em questão. A primeira ação [a1], “Sansão foi visitar a sua mulher...”, é diretamente confrontada com a ação do pai da mulher filistéia [a2], “mas o pai dela não quis deixá-lo entrar”. Paralelamente a essas duas ações, o narrador descreve um par de intenções relacionadas com cada uma das ações, o que eu indico com [i1] e [i2]. O relacionamento destas quatro partes do texto pode ser descrito da seguinte maneira: [a1] colide frontalmente com [a2] enquanto [i1] e [i2] são apresentadas ao leitor como uma maneira de questionar quem estaria com a razão no referido contexto.⁸ A maneira

⁸ BLOCK, *Judges and Ruth*, p. 439, adverte corretamente quanto ao significado de “entrar na câmara”. Entrar na câmara implica consolidar o ato matrimonial que tinha sido interrompido pela tragédia causada por Sansão no capítulo anterior. A palavra também se refere a um recinto mais íntimo como aquele que Eglon usava para descansar (Jz 3:24). Ver também MATTHEWS, Victor H. *Judges and Ruth*. New Cambridge Bible Commentary. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 150-152. WOLF, Hebert. *Judges. The Expositor's Bible Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, sugere que “esta talvez seja uma evidência de um tipo de ‘marido-visitante’, no qual a esposa permaneceria na casa de seu pai e seria visitada periodicamente pelo marido”, p. 470-71. Um exemplo concreto deste tipo de casamento é encontrado em um dos códigos legais da grande cidade de Eshnunna, cujo colapso

como o narrador montou o seu texto parece nos indicar uma verdade bastante simples: seus *desejos/intenções* colidiam com a sua vocação de nazireu. Em outras palavras, a legitimidade de nossos desejos/intenções não nos dá o direito de agirmos à revelia de Deus. Porque Sansão foi capaz de forçar seus pais a arranjar o seu casamento com esta mulher filistéia não significa que ele teria sucesso em forçar todo mundo a se conformar com seus desejos/intenções. Quando o narrador nos apresenta as intenções por trás de cada ação, a teimosia e a tolice de Sansão se tornam ainda mais evidentes. Considerando o vexame e a tragédia em que seu noivado terminou (cf. 14:1-20), o que exatamente ele tinha em mente ao querer retornar para sua “quase esposa” como se nada tivesse acontecido? Não é possível afirmar com certeza o desenrolar de uma cerimônia de casamento segundo o costume dos filisteus. Todavia, tudo indica que ela estava voltando para consumir a cerimônia inacabada, o que explica o novilhão trazido para celebrar o encontro.

Figura 1: A Estrutura da Cena 1 [Jz 15:1-3]

<p>וַיְהִי מִיָּמִים בְּיָמֵי קְצִיר־חֲטָיִם וַיִּפְקֹד שְׁמוּשׁוֹן אֶת־אִשְׁתּוֹ בְּגַדֵי עִזִּים [a1] וַיֹּאמֶר אָבֹאה אֶל־אִשְׁתִּי הַחֲדָרָה [1] וְלֹא־נָתַנּוּ אָבִיהָ לְבוֹא: [a2] וַיֹּאמֶר אָבִיהָ אָמַר אִמְרָתִי כִּי־שָׂנֵא שְׂנֵאתָהּ [2] וְאֶתְנַנֶּה לְמַרְעָךְ הֲלֹא אֶחָתָה הִקְטַנָּה טוֹבָה מִמֶּנָּה תִּקְרִינָא לָךְ תַּחְתִּיהָ: וַיֹּאמֶר לָהֶם שְׁמוּשׁוֹן נִקִּיתִי הַפַּעַם מִפְּלִשְׁתִּים כִּי־עָשָׂה אֲנִי עִמָּם רָעָה:</p>	<p>1 Passado algum tempo, nos dias da ceifa do trigo, Sansão, levando um cabrito, foi visitar a sua mulher, pois dizia: <i>Entrarei na câmara de minha mulher.</i> Porém o pai dela não o deixou entrar</p> <p>2 e lhe disse: <i>Por certo, pensava eu que de todo a aborrecias, de sorte que a dei ao teu companheiro;</i> <i>porém não é mais formosa do que ela a irmã que é mais nova?</i> <i>Toma-a, pois, em seu lugar.</i></p> <p>3 Então, Sansão lhe respondeu: <i>Desta feita sou inocente para com os filisteus, quando lhes fizer algum mal.</i></p>
--	---

Qualquer que seja a razão em sua mente, o narrador parece não estar muito interessado em elaborar este aspecto da narrativa. C1 encerra com um comentário antecipatório que descreve a retaliação premeditada por parte de Sansão: “Desta feita sou inocente com os filisteus, quando lhes fizer algum mal”. Neste ponto da narrativa é difícil de saber o que exatamente Sansão quer dizer com “desta vez sou inocente” (15:3). Há várias perguntas que permanecem sem resposta neste verso: Por que ele se vê isento de culpa? Por que ele se vê inocente “desta vez”? Isso significa que ele reconheceu que das vezes anteriores

é atribuído ao rei Hammurabi. Ver a tradução de ROTH, Martha, The laws of Eshnunna, in *Monumental inscriptions from the Biblical world*. Leiden: Brill, 1997, p. 333. Não existe nenhuma evidência que comprove o uso das leis de Eshnunna na sociedade filistéia. Além disso, considerando o vexame e tragédia causados por Sansão no desfecho da cerimônia (cf. Jz. 14:19), K. Lawson Younger, *Judges/Ruth*, conclui corretamente que “as ações e comentários do pai da mulher (Jz 14:20; 15:2) sugerem que o retorno de Sansão não era esperado”, p. 306.

ele não foi inocente? Por que ele se refere aos filisteus em geral sendo que o seu sogro era o foco de sua indignação? Se considerarmos C1 como um todo, parece-me óbvio que o narrador está tentando esboçar o ciclo de vingança que se desenvolverá daqui para a frente.

3.2 O ciclo de vinganças de Sansão (C2)

A segunda cena (C2) descreve a maneira como Sansão realiza as suas artimanhas, o seu plano de vingança, que, aos seus olhos, parece perfeitamente justificável. É interessante observar a ênfase desproporcional que muitos comentaristas dão ao quase-milagroso estratagema de Sansão (cf. 15:4-5a) em relação ao quase-incalculável prejuízo para toda a comunidade dos filisteus em Gaza (cf. 15:5b). Os 150 pares de raposas espalharam o fogo de tal maneira que toda a safra produzida naquela estação foi destruída. A maneira como o narrador descreve o evento demonstra certa familiaridade com a agricultura da região. Os *molhos* aqui se referem a uma parte da safra que já tinha sido colhida e amarrada em feixes, estando pronta para ser transportada para os celeiros. Tais feixes eram agrupados no meio da plantação para facilitar o transporte. Ou seja, mesmo que o fogo atingisse a plantação, os feixes já preparados para serem levados estariam fora de contato com o resto da plantação e, por conseguinte, fora de contato com o fogo. O *cereal por ceifar* refere-se, portanto, ao restante da plantação que aguardava o corte e preparo em feixes. Se o fogo tivesse seguido certo padrão, o cereal por ceifar seria a única parte da plantação a ser atingida pelo fogo. Contudo, é pouco provável que essas raposas seguissem algum padrão. O que tornou o cenário ainda mais grave foi o fato de *as vinhas e os olivais* também terem sido atingidos. Este é um tipo diferente de lavoura em que os frutos são colhidos e o pomar em si é preservado e mantido. Geograficamente, a plantação de cereais e os pomares não ficavam exatamente um ao lado do outro. Contudo, Sansão foi capaz de soltar as raposas de tal maneira que tanto a lavoura como os pomares fossem atingidos. Conforme o comentário antecipatório nos informa (cf. 15:1), esse incidente aconteceu no período da safra, o que significa que a perda não poderia ser resgatada até o ano seguinte e, no caso dos pomares, o prejuízo seria ainda maior.⁹

Continuando o padrão de narrativa desenvolvido em C1, a vingança de Sansão é seguida imediatamente pela reação dos filisteus ao ocorrido: “*Quem fez isto?*”, perguntam eles (15:6). O propósito de C2 parece ser focalizar a pessoa de Sansão como o centro e a razão de toda a controvérsia até aqui. A maneira como C2 apresenta os fatos dá-nos uma idéia de que os filisteus

⁹ Para uma descrição mais detalhada deste desastre socioeconômico, ver o artigo interessante escrito por FREEDMAN, David N. A note on Judges 15:5, *Biblica* 52 (1971): p. 535. Segundo YOUNGER, *Judges and Ruth*, considerando que o sistema de irrigação daquela região era totalmente dependente da “pontualidade da chuva” (o que os forçava a viver sob constante racionamento de alimentos), “as chances de fome e morte num futuro próximo era inevitáveis”, p. 306.

não tiveram muita dificuldade em identificar o responsável pela tragédia. Na verdade, o diálogo do tipo filisteu-para-filisteu encontrado em 15:6 me parece sugerir um tom de ironia no texto, ou seja, eles sabiam muito bem quem teria a audácia e a coragem de cometer tamanho ato de vandalismo. Não apenas sabiam “quem”, mas o “motivo”. Portanto, o que esse verso na verdade está tentando enfatizar é a inevitável associação de Sansão com seus atos de vandalismo e vingança. Quem? Quem poderia ter feito isto? Quem além de Sansão? Por muito menos ele matou 30 dentre eles não muito tempo atrás, quanto mais agora que o seu sogro tomou a sua mulher e a deu a seu companheiro. Assim sendo, C2 começa a dar testemunho da reputação moral de Sansão, que já era conhecida entre os filisteus.

Figura 2: A Estrutura da Cena 2 [Jz 15.4-6a]

<p>וַיֵּלֶךְ שָׁמְשׁוֹן וַיִּלְכֹּד שְׁלֹשׁ-מֵאוֹת שׁוֹעֲלִים וַיִּקַּח לְפָדִים וַיִּפֶן זָנֹב אֶל-זָנֹב וַיִּשֶׂם לְפִיד אֶחָד בֵּין-שְׁנֵי הַזָּנָבוֹת בְּתוֹךְ: וַיִּבְעַר-אֵשׁ בַּלְּפָדִים וַיִּשְׁלַח בְּקִמּוֹת פְּלִשְׁתִּים וַיִּבְעַר מִגְדִּישׁ וְעַד-קִמָּה וְעַד-כָּרְם זֹאת: וַיֹּאמְרוּ פְּלִשְׁתִּים מִי עָשָׂה זֹאת וַיֹּאמְרוּ שָׁמְשׁוֹן חֲתָן הַתִּמְנִית כִּי לָקַח אֶת-אִשְׁתּוֹ וַיִּתְּנָהּ לַמַּרְעָהוּ</p>	<p>4 E saiu e tomou trezentas raposas; e, tomando fachos, as virou cauda com cauda e lhes atou um facho no meio delas. 5 Tendo ele chegado fogo aos tições, largou-as na seara dos filisteus e, assim, incendiou tanto os molhos como o cereal por ceifar, e as vinhas, e os olivais. 6 Perguntaram os filisteus: <i>Quem fez isto?</i> Responderam: <i>Sansão, o genro do timnita, porque lhe tomou a mulher e a deu a seu companheiro.</i></p>
--	---

Nesta altura dos acontecimentos, seria bom ter em mente duas coisas. Primeiro, a vida e as obras de Sansão devem ser vistas com parte de um plano de Deus para Israel. Como isto irá acontecer, ainda está muito cedo para entender. Segundo, toda a questão de os filisteus residirem nos territórios ao redor da tribo de Dã (região onde Sansão cresceu) deve ser entendida como uma consequência direta da desobediência da primeira geração que tomou posse da terra. No início do livro de Juízes o narrador foi muito claro em enfatizar esse ponto. Em relação à tribo de Dã, em particular, que estava localizada no meio da terra dos filisteus, Juízes 1:18 nos informa que a tribo de Judá “tomou... a Gaza, a Asquelom e a Ecom com os seus respectivos territórios”. Contudo, o narrador teve o cuidado de ressaltar a raiz de grande parte dos problemas que Israel enfrentou durante o tempo dos juízes: “Esteve o Senhor com Judá, e este despovoou as montanhas; porém *não expulsou* os moradores do vale, porquanto tinham carros de ferro” (Jz 1:19).

Qual é a raiz do problema? Serviço feito pela metade, tarefa inacabada, obediência parcial, falta de confiança no que Deus pode e prometeu fazer através daqueles que decidem obedecê-lo. Não é óbvia a armadilha que eles

prepararam para si mesmos? Conforme a Figura 3 nos mostra, a decisão de tomar posse apenas das montanhas e deixar de lado os moradores dos vales por causa dos carros de ferro que eles possuíam demonstra um ato de desobediência e complacência injustificável. É óbvio que os moradores do vale iriam eventualmente planejar uma revanche e tomar de volta a terra que a seus olhos lhes pertencia. Além disso, a razão porque eles não quiseram prosseguir com as campanhas de conquista da terra colide frontalmente com aquilo que Deus lhes havia prometido. Destarte, o problema que o narrador esta tentando nos mostrar aqui não é o de “filisteus contra israelitas” mas de “israelitas pagando o preço” do serviço mal feito, da obediência pela metade e da falta de confiança em Deus. É exatamente esse tipo de perspectiva que uma leitura deficiente pode não conseguir enxergar, uma perspectiva que a macroestrutura do livro impõe sobre partes isoladas do livro.

Conforme indicado no início deste artigo, a razão porque Deus usa pessoas como Sansão tem a ver com a *inadimplência vocacional* de Israel. A partir deste ponto já é possível começar a ver onde estarei alicerçando esta afirmação. Por ora eu gostaria apenas de ressaltar um aspecto da *inadimplência* que é refletido em C2. Inadimplência envolve a convicção de que *postergar as nossas obrigações e responsabilidades para um futuro desconectado com o nosso cotidiano é alternativa viável*. Eu voltarei a tocar neste ponto posteriormente.

3.3 A hora da revanche (C3)

C3 descreve a reação dos filisteus à catástrofe e também a retaliação por parte de Sansão. É importante notar a questão de proporcionalidade em que estes ciclos de retaliações têm crescido. Observe, por exemplo, a abrangência da revanche dos filisteus, levando em consideração todos os atenuantes causados por Sansão até este ponto. O fato de eles terem investigado a situação e restringido a retaliação ao círculo imediato das pessoas envolvidas, demonstra uma tentativa de proporcionalidade. A reação desproporcional parece estar vindo sempre de Sansão, o qual *infligiu covardemente uma enorme derrota*.¹⁰ Ainda que não seja possível descrever com precisão o que realmente aconteceu, não resta a menor dúvida de que a ação de Sansão causou um impacto indelével

¹⁰ Devido aos escassos recursos lexicográficos, ainda é muito difícil entender exatamente o que Sansão fez. É bem provável que os substantivos שוק e ירה (usados juntamente com o verbo נכה) formem uma expressão idiomática. A LXX do livro de Juizes opta por uma tradução literal: καὶ ἐπάταξεν αὐτοὺς κνήμην ἐπὶ μηρὸν (E feriu as pernas e virilha...). O Targum de Juizes, por outro lado, já oferece uma leitura que conecta o domínio semântico da expressão a um contexto de guerra: פֶּרְשֵׁין עַם רַגְלָאין (cavalaria e infantaria). Muitas traduções preferem enfatizar os dois vocábulos que seguem como uma descrição que contém informação suficiente para entender o que aconteceu: מַכָּה גְדוֹלָה (“um grande ferimento, uma grande derrota” (ARC), “uma grande carnificina” (ARA). BLOCK, *Judges and Ruth*, opta por uma tradução muito interessante: “Ele deixou para trás um emaranhado de pernas e coxas”, p. 235.

na sociedade dos filisteus. A gravidade parece estar relacionada não apenas com o “tamanho”, mas com a “natureza” da derrota. Em C2 o narrador dedica tempo para descrever os detalhes da vingança de Sansão, enquanto que em C3 a atenção é voltada para as conseqüências daquilo que ele fez.

O fato de Sansão ter se escondido na rocha de Etã parece indicar a gravidade e a desproporcionalidade da revanche praticada por ele. Pela primeira vez ele considera a possibilidade de não mais poder lidar com as conseqüências do que fez. Exatamente porque a atitude de Sansão parece tão inexplicável, o narrador abre um parêntese para descrever as intenções por trás de sua atitude: “Já que vocês agiram assim, eu me vingarei de vocês. Depois disto eu paro” (15:7). Sansão precisa se vingar antes de parar. Esta é a lógica que guia as suas atitudes. E vingança, por conseguinte, nunca se deixa guiar pela proporcionalidade entre a ofensa e o castigo. Mas onde está Deus nisto tudo? Ou, como pode um narrador ver Deus nisso tudo? Como Deus pode usar uma pessoa *como Sansão* para libertar o seu povo? É importante reiterar aqui a inadimplência vocacional novamente. Os atos de Sansão representam uma ameaça ao estilo de vida confortável que o inadimplente tenta criar ao seu redor. O que Sansão fez até agora tem o propósito de suscitar instabilidade e turbulência numa comunidade de judeus acostumada com a idéia de que a inadimplência vocacional é viável. Em outras palavras, a comunidade dos israelitas durante o período dos juízes já havia conseguido achar um ponto de equilíbrio em que a vontade de Deus não era totalmente desprezada, mas também não era adequadamente obedecida. É para esse ponto de equilíbrio entre o desprezável e o aceitável que a vida de Sansão significa uma grande ameaça. A ameaça consiste em gerar um distúrbio na vida comunitária que forçará uma decisão crucial entre *desprezar* a vontade de Deus (inadimplência vocacional) ou *responder* apropriadamente à vocação. Muitos reconhecem a importância de responder apropriadamente à vocação bem como o perigo de desprezá-la, mas a ameaça consiste em *forçar* uma comunidade a ter que decidir entre as duas opções. A inadimplência, destarte, é a posição em que você decide administrar uma situação em que é possível evitar decidir entre essas duas opções.

Figura 4: A Estrutura da Cena 3 [Jz 15.6b-8]

וַיַּעֲלוּ פְלִשְׁתִּים	6b	Então, subiram os filisteus
וַיִּשְׂרְפוּ אוֹתָהּ וְאֶת־אָבִיהָ בָּאֵשׁ:		e queimaram a ela e ao seu pai.
וַיֹּאמֶר לָהֶם שְׁמֹעוּן	7	Disse-lhes Sansão:
אִם־תַּעֲשׂוּן כֹּזֵאת כִּי אִם־נִקְמֹתִי בָכֶם		<i>Se assim procedeis, não desistirei</i>
וְאֶחָד אֶחְדָּל:		<i>enquanto não me vingar.</i>
וַיִּךְ אוֹתָם שׁוֹךְ עַל־יָרֵךְ מִזֶּבַח גְּדוּלָּה	8	E feriu-os com grande carnificina;
וַיִּרְדּוּ וַיֵּשְׁבּוּ בַסְּעִיף סַלַע עֵיטָם: ס		e desceu e habitou na fenda da rocha de Etã.

3.4 A Hora da Decisão (C4)

C4 descreve a reação dos filisteus ao ocorrido, agora tratando a situação num âmbito mais abrangente.¹¹ Para os filisteus, o problema com Sansão adquiriu proporções tão abrangentes que se tornou impossível tratá-lo como um indivíduo isolado de sua comunidade: “Então os filisteus subiram, e acamparam-se contra Judá, e estenderam-se por Leí” (Jz 15.9). Este texto na verdade descreve uma manobra militar, uma estratégia do exercito dos filisteus pronto para efetuar uma revanche coletiva contra a tribo de Judá. Por que Judá? Qual a relação formal entre Sansão e Judá? Nenhuma. Todavia, a tribo de Judá era a responsável por liderar as campanhas contra as nações que ainda ocupavam o território de Canaã. Aplicando a metáfora da inadimplência utilizada neste artigo, não seria um exagero concluir que Judá assume grande parte da inadimplência vocacional mencionada até aqui. Assim sendo, a situação “diplomática” delicada entre Israel e os filisteus acabará forçando os israelitas (tipificados na tribo de Judá) a decidir entre *responder apropriadamente* ou *desprezar* a vontade de Deus. Em outras palavras, é a partir deste ponto que as obras de Sansão começam a relacionar-se com a “libertação de Israel”, conforme prometido em Jz 13.5. Antes deste ponto na narrativa era difícil de entender como exatamente Sansão trouxe ou traria salvação, mas doravante o narrador oferece ao leitor várias evidências que suportam a tese de que Deus estava de fato usando Sansão.

Em primeiro lugar, considere o seguinte. Quando os filisteus cercaram Judá para uma revanche final, tudo indica que Judá não tinha a menor idéia do que estava acontecendo. Se teve, não manifestou o menor interesse em se envolver na situação (mais uma evidência da inadimplência). As palavras do verso 10 refletem total perplexidade e surpresa com o ocorrido. A julgar pelo contexto da narrativa, é bem provável que os israelitas foram pegos de surpresa pelos filisteus, como um pai que é chamado na delegacia de polícia para responder pelos atos de um filho até então considerado inocente. Em segundo lugar, a inquestionável resposta oferecida pelos filisteus causa ainda maior perplexidade. Não havia como esconder ou negar o relacionamento entre Sansão e os israelitas (Sansão era um judeu). Logo, não havia como negar a legitimidade da indignação dos filisteus. Os diálogos em E4 são curtos e diretos, acentuando uma atmosfera de urgência na resolução deste problema. “Atraso” é uma palavra quase que sinônima de “inadimplência” e que, neste ponto, se torna crucial para o desfecho da história. Israel é forçado a agir imediatamente, sem nenhum

¹¹ Ver as implicações de uma guerra desta natureza em CRAIGIE, P. C. *The problem of war in the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1978; BRETTLER, Mark Z. *The Book of Judges: literature as politics*, *Journal of Biblical Literature* 108 (1989): 395-418; e YOUNGER JR., K. Lawson. *Ancient conquest accounts: a study in ancient Near Eastern and Biblical history writing*. *Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series* 98. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1990.

prazo ou oportunidade de ser negligente. Israel terá que decidir se responderá apropriadamente ou se desprezará a vocação para a qual foi chamado, a saber, “destruir totalmente os moradores que restaram na terra de Canaã”.

Figura 5: Estrutura da Cena 4 [Jz 15.9-15]

<p>וַיַּעֲלוּ פְּלִשְׁתִּים וַיִּתְּנוּ בַיהוּדָה וַיִּנְטְשׂוּ בְּלֵחִי: וַיֹּאמְרוּ אִישׁ יְהוּדָה לְמָה עָלִיתָ עָלֵינוּ וַיֹּאמְרוּ לְאַסּוֹר אֶת־שִׁמְשׁוֹן עָלֵינוּ לְעֲשׂוֹת לֹא כַאֲשֶׁר עָשָׂה לָנוּ: וַיִּרְדּוּ שְׁלֹשַׁת אֲלָפִים אִישׁ מִיְהוּדָה אֶל־סַעֲיֹף סְלַע עֵיטִם וַיֹּאמְרוּ לְשִׁמְשׁוֹן הֲלֹא יָדַעְתָּ כִּי־מִשְׁלָיִם בָּנוּ פְּלִשְׁתִּים וּמִה־זֹּאת עָשִׂיתָ לָנוּ וַיֹּאמֶר לָהֶם כַּאֲשֶׁר עָשׂוּ לִי כֵן עָשִׂיתִי לָהֶם: וַיֹּאמְרוּ לוֹ לְאַסְרֹךָ יִרְדְּנוּ לְתַתֶּךָ בְּיַד־פְּלִשְׁתִּים וַיֹּאמֶר לָהֶם שִׁמְשׁוֹן הֲשִׁבְעוּ לִי כִּי־תִפְּנְעוּן בִּי אַתֶּם: וַיֹּאמְרוּ לוֹ לֵאמֹר לֹא כִּי־אִסַּר נְאֻמְךָ וַתִּנְחַד בְּיָדֶם וַהֲמַת לֹא נִמְיָדְךָ וַיֹּאסְרוּהוּ בִשְׁנַיִם עֲבָתִים חֲדָשִׁים וַיַּעֲלֶהוּ מִן־הַסֶּלַע: וַיִּקְרָאֵהוּ עַד־לֵחִי וּפְלִשְׁתִּים הֲרִיעוּ לְקִרְאָתוֹ הוֹאֵבָא וַתִּצְלַח עָלָיו רוּחַ יְהוָה וַתְּהַיִּינֶה הָעֲבָתִים אֲשֶׁר עַל־זְרוֹעוֹתָיו כַּפְּשָׁתִים אֲשֶׁר בְּעָרוֹ בְּאֵשׁ וַיִּמָּסוּ אֲסוּרָיו מֵעַל יָדָיו: וַיִּמָּצֵא לְחֵי־חֲמוֹר טְרִיָּה וַיִּשְׁלַח יָדוֹ וַיִּקְרָהָ וַיִּדְּבֶהָ אֶלָּף אִישׁ:</p>	<p>9 Então, os filisteus subiram, e acamparam-se contra Judá, e espalharam-se por Leí. 10 Perguntaram-lhes os homens de Judá: <i>Por que subistes contra nós?</i> Responderam: <i>Subimos para amarrar Sansão, para lhe fazer a ele como ele nos fez a nós.</i> 11 Então, três mil homens de Judá desceram até à fenda da rocha de Etã e disseram a Sansão: <i>Não sabias tu que os filisteus dominam sobre nós?</i> <i>Por que, pois, nos fizeste isto?</i> Ele lhes respondeu: <i>Assim como me fizeram a mim, eu lhes fiz a eles.</i> 12 Replícaram eles, descemos para te amarrar, para te entregar nas mãos dos filisteus. Sansão lhes disse: <i>Jurai-me que vós mesmos não me acometereis.</i> 13 Eles lhe disseram: <i>Não, mas somente te amarraremos e te entregaremos nas suas mãos; porém de maneira nenhuma te mataremos.</i> E amarraram-no com duas cordas novas e fizeram-no subir da rocha. 14 Chegando ele a Leí, os filisteus lhe saíram ao encontro, jubilando; porém o Espírito do SENHOR de tal maneira se apossou dele, que as cordas que tinha nos braços se tornaram como fios de linho queimados, e as suas amarraduras se desfizeram das suas mãos. 15 Achou uma queixada de jumento, ainda fresca, à mão, e tomou-a, e feriu com ela mil homens.</p>
--	--

Uma leitura competente de C4 deveria, portanto, ser capaz de perceber esta expectativa que o narrador fomenta a fim de comunicar a sua mensagem com eficiência. O sucesso de uma leitura competente de C4 depende da sensibilidade do leitor em perceber a oportunidade *singular* que estava sendo apresentada a Israel neste exato momento da narrativa. Os israelitas poderiam ter reconhecido, por ocasião das confusões de Sansão, que o domínio dos filisteus sobre Israel não deveria acontecer, para início de conversa. A realidade deveria ser totalmente outra, mas a inadimplência vocacional levou-os a se acostumarem àquela situação. A opressão filistéia aponta para a desobediência mencionada em Jz 1.19, transformando o caráter de tal opressão em disciplina de Deus em justa medida. Assim sendo, os israelitas deveriam ter usado esta

situação causada por Sansão como uma oportunidade de renovar o desejo de responder apropriadamente à vocação para a qual foram chamados e terminar a tarefa inacabada de “expulsar os moradores dos vales” (Jz 1.19). Eles deveriam ter feito isto não para livrar a pele de Sansão, mas como um ato consistente de responder à vocação de povo de Deus. Sansão está sendo usado aqui apenas como um instrumento para causar a celeuma que forçará os israelitas a tomar uma decisão. Vejo com grande pesar a ênfase desproporcional que alguns leitores colocam na pessoa de Sansão e a maneira como ele “salvou” Israel do domínio filisteu. Muitos leitores preferem enfatizar as proezas e artimanhas engendradas por Sansão a enfatizar a singularidade desse momento histórico para Israel.

Infelizmente, os moradores de Judá resolveram entregar Sansão ao invés de expulsar os “moradores dos vales”. Livrar-se de Sansão representava para aquela sociedade de inadimplentes a opção mais rápida de pôr um ponto final neste ciclo de retaliações entre Sansão e os filisteus. Esta era também a opção mais conveniente para uma sociedade que não estava pronta para abandonar a vida de inadimplência. Os israelitas decidiram acreditar que o fim de Sansão traria o fim da pressão social de expulsar os moradores dos vales. Assim, Sansão é covardemente entregue aos filisteus.

A maneira como o narrador descreve a entrega de Sansão aos filisteus indica claramente que a decisão não foi exatamente aquela que Deus esperava. Duas razões suportam este argumento. Primeiro, no momento em que eles entregavam Sansão nas mãos dos filisteus, Deus interveio na negociação revestindo Sansão com o Espírito, o que o levou a escapar mais uma vez tanto das mãos dos filisteus como dos israelitas (Jz 15:14). Na ocasião, Sansão conseguiu escapar e ainda matar mil homens dentre os filisteus. Os três mil homens de Judá poderiam muito bem ter aprendido uma lição neste momento: se Deus pode matar mil filisteus através de uma pessoa como Sansão, o que aconteceria se todos eles decidissem responder apropriadamente à vocação para a qual foram chamados? Ainda que Sansão tenha conseguido escapar de seus inimigos em outras ocasiões, aqui o narrador faz questão de enfatizar que o “Espírito do Senhor estava sobre ele” (15:14), o que conecta a sua proeza com uma direta intervenção divina. Destarte, o narrador está convencido de que Deus de fato usou Sansão, apesar de tudo o que ele fez e era. A segunda razão em apoio ao argumento acima consiste no foco imediato da narrativa na vida medíocre de Sansão após o ocorrido. Como prova de que os homens de Judá fizeram uma má escolha, o narrador tem o cuidado de descrever traços marcantes do caráter de Sansão, o qual tipificava claramente a sociedade da qual fazia parte. Se eles tivessem usado a oportunidade para “expulsar os moradores dos vales” o final desta narrativa teria sido completamente diferente. A narrativa de Sansão poderia ter concluído com um povo despertado de sua inadimplência epidêmica e renovado para um novo exercício da vocação para a qual foi chamado. A narrativa poderia ter caracterizado não o fim de uma

geração de inadimplentes (considerando que Sansão é o último juiz descrito no livro), mas o início de uma comunidade vocacionada que responde apropriadamente ao seu chamado, uma comunidade que prefere entregar a si mesma à árdua tarefa (incluindo inevitáveis baixas) de “expulsar os moradores dos vales” a entregar os “Sansões da vida”.

A última parte de C4 é composta de duas conclusões temáticas (indicadas na Figura 6 como CT1 e CT2). Estas duas conclusões têm o propósito de dirigir a atenção do leitor àquilo que o narrador realmente deseja enfatizar. Como mencionei no início deste artigo, os acontecimentos descritos neste capítulo 15 de Juízes fomentam uma diversidade enorme de idéias, ênfases e reações na vida do leitor. Contudo, ainda que tais idéias, ênfases e reações sejam legítimas e louváveis, um leitor competente precisa atentar primeiro para aquilo que o narrador estava tentando comunicar. Se decidirmos discordar ou criticar seu ponto de vista posteriormente, pelo menos estaremos criticando o que o narrador *realmente* falou e não o que nós *achamos que ele falou*. Eis aqui um bom exemplo disto que estou tentando enfatizar. O narrador preparou estas duas conclusões para a narrativa, as quais ajudam o leitor a focalizar sua atenção em dois temas principais: (a) a maneira como Sansão entendeu o uso que o Espírito fez de sua vida (CT1) e (b) a maneira como Sansão entendia o seu relacionamento com Deus (CT2).

O propósito de CT1 é descrever a perspectiva de Sansão em relação ao grande ato de livramento causado pelo Espírito de Deus que se apossou de sua vida. A idéia de conectar cada conclusão com um local geográfico que fazia parte do cotidiano dos primeiros leitores desta narrativa demonstra claramente o esforço do narrador em *aplicar* a sua mensagem. Cada vez que eles passassem por Ramate-Leí ou En-Hacoré eles lembrariam a razão do nome atribuído àquele local. Com referência à mensagem de CT1, em particular, o memorial me parece querer enfatizar o espírito de soberba refletido nas palavras de Sansão. Na verdade há uma mistura de soberba, crueldade e irreverência ao mesmo tempo. A soberba é manifestada no fato de ele ter ignorado totalmente a intervenção divina no seu grande ato de livramento: “com uma queixada de jumento feriu mil homens”. Não há nenhum reconhecimento ou gratidão pelo que Deus realizou através dele. A crueldade é manifestada no fato de ele *brincar* com os cadáveres, enquanto compunha seu pequeno e sombrio poema: “com uma queixada de jumento pilhas e mais pilhas [de cadáveres]”. A irreverência é manifestada no fato de ele menosprezar aberta e irreverentemente as suas responsabilidades como nazireu, as quais proibiam uma pessoa de sequer tocar num cadáver. Aqui Sansão parece ver como um ato de diversão o desprezo por tais votos de santidade: ele se gaba de ter ferido mil homens com uma queixada de jumento (parte do cadáver de um animal), ele se diverte em empilhá-los (novamente em contato com centenas de cadáveres humanos) enquanto compõe seu pequeno poema.

Figura 6: Duas Conclusões Temáticas [Jz 15.16-20]

CT1: Ramate-Leí, um memorial à soberba.

<p>וַיֹּאמֶר שְׁמֵשׁוֹן בְּלַחֵי הַחֲמוֹר הַמּוֹר הַמּוֹרְתִים בְּלַחֵי הַחֲמוֹר הַפִּיטִי אֶלֶף אִישׁ: וַיְהִי כִּכְלָתוֹ לְדַבֵּר וַיִּשְׁלַךְ הַלַּחֵי מִיָּדוֹ וַיִּקְרָא לַמָּקוֹם הַהוּא רָמַת לַחֵי:</p>	<p>16 E disse: <i>Com uma queixada de jumento um montão, outro montão; com uma queixada de jumento feri mil homens.</i> Tendo ele acabado de falar, lançou da sua mão a queixada. 17 Chamou-se aquele lugar Ramate-Leí.</p>
---	---

CT2: En-Hacoré, um memorial à mediocridade.

<p>וַיִּצְמָא מְאֹד וַיִּקְרָא אֶל־יְהוָה וַיֹּאמֶר וַד־עַבְדְּךָ אֶת־הַתְּשׁוּעָה הַגְּדֹלָה הַזֹּאת אֵתָה נָתַתְּ בִּי אִמּוֹת בְּצִמָּא וְנִפְלְתִי בְיַד הָעַרְלִים: וְעַתָּה וַיִּבְקַע אֱלֹהִים אֶת־הַמַּכְתֵּשׁ אֲשֶׁר־בְּלַחֵי וַיִּצְאוּ מִמֶּנּוּ מַיִם וַיִּשְׁתְּ וַתִּשָּׁב רוּחוֹ וַיַּחֲיִי עַיִן הַקּוֹרָא אֲשֶׁר בְּלַחֵי עַד הַיּוֹם הַזֶּה: עַל־כֵּן קָרָא שְׁמָהּ שְׂרָאֵל בְּיָמֵי פְּלִשְׁתִּים עֶשְׂרִים שָׁנָה: ה' וַיִּשְׁפֹּט אֶת־יִשְׂרָאֵל</p>	<p>18 Sentindo grande sede, clamou ao SENHOR e disse: <i>Por intermédio do teu servo deste esta grande salvação; morrerei eu, agora, de sede e cairei nas mãos destes incircuncisos?</i> 19 Então, o SENHOR fendeu a cavidade que estava em Leí, e dela saiu água; tendo Sansão bebido, recobrou alento e reviveu; daí chamar-se aquele lugar En-Hacoré até ao dia de hoje. 20 Sansão julgou a Israel, nos dias dos filisteus, vinte anos.</p>
--	--

O propósito de CT2, por outro lado, é descrever o nível do relacionamento que Sansão mantinha com Deus. Pela primeira vez em todo este capítulo encontramos Sansão “buscando” a Deus. Toda a comoção que ocorre em CT2 é oriunda da sede de Sansão. Após ter realizado tamanha carnificina, Sansão é deixado sozinho para confrontar a pequenez de sua vida, a tênue linha que separa seus atos de grandeza e seu clamor desesperado por socorro. Não é fácil entender ou julgar a sinceridade de sua oração neste momento. Na verdade, nem o narrador se atreveu a comentar ou tirar conclusões sobre a sua breve oração em busca de “água”. Não há nenhuma nota afirmando que Deus teve compaixão ou que Sansão reconheceu finalmente a verdadeira fonte de toda a sua vitória. Considerando os acontecimentos do próximo capítulo, tudo indica que nenhuma mudança de caráter aconteceu, nenhuma transformação no nível do seu relacionamento com Deus. En-Hacoré, portanto, se torna um memorial ao seu clamor por “água”; este é o âmago de sua motivação em buscar a face de Deus neste momento. Já que não temos o direito de julgar a sinceridade de suas palavras aqui, resta-nos então entender CT1 e CT2 como um tema com dois pólos de interesses. De um lado encontramos Sansão ainda respirando o gozo de “sua” vitória, do outro lado vemos o mesmo Sansão já quase sem fôlego, incapaz de prover-se de um gole de água.

CONCLUSÕES

Por que Deus usa pessoas como Sansão? Depois de ter considerado brevemente alguns aspectos seletos desta narrativa, a resposta para esta pergunta

começa a instigar implicações mais amplas e abrangentes do que se poderia antecipar. Tais implicações variam em grau de seriedade dependendo da posição que o leitor assume na narrativa. Aqueles que se identificam com Sansão, os quais continuam a ser usados por Deus “apesar dos pesares”, encontram aqui certo grau de esperança de que Deus poderá agir em momentos críticos através de pessoas *como Sansão*. Aqueles que se identificam com os “homens de Judá”, os quais continuam a administrar a situação de maneira que não sejam forçados a responder apropriadamente à vocação, encontram aqui um respaldo para a decisão de ser inadimplentes. Afinal de contas, quem é que gostaria de ver toda esta *novela* de Sansão se repetir em nosso contexto hodierno? Logo, eles acham melhor deixar as coisas do jeito que estão para ver o que vai dar.

A verdade é que uma conclusão a respeito daquilo que o narrador (a pessoa inspirada por Deus) tenta comunicar nesta passagem não pode ser polarizada desta maneira, sem antes entendermos a grandeza da vocação que os *inadimplentes* se recusam a responder. Segundo a instrução de Deuteronômio 7 e 8, por exemplo, os israelitas receberam a tarefa de desapossar e destruir paulatinamente todos os seus vizinhos. Ainda que Israel não precisasse de todo o território de Canaã inicialmente (pois não havia israelitas suficientes para encher a terra), Deus confiou-lhes a tarefa de matar consistentemente os moradores de Canaã e destruir completamente o arsenal religioso associado com eles. Considerando que Israel era uma das menores nações da época (cf. Dt. 7.7), considerando a fama (cf. Dt. 9.2), a diversidade étnica (cf. Dt. 7.1) e a predominância política de tais povos (ver especialmente o detalhe em Dt. 7.1: “mais numerosas e mais poderosas do que tu...”), a coragem de responder apropriadamente à vocação para a qual foram chamados era considerada um ato extremamente perigoso, politicamente falando. Por que Deus tinha que oferecer ao seu povo uma terra que tinha donos, os quais não lhes entregariam sem uma confrontação de vida ou morte? Por que Deus não ofereceu um território devoluto, o qual poderia ser ocupado de maneira pacífica e amigável com a vizinhança? Muitas pessoas são precipitadas em criticar a inadimplência dos israelitas da época de Sansão sem entender primeiro o contexto e as implicações da vocação que lhes foi confiada. Qual o argumento que Israel teria para explicar o extermínio de povos e comunidades que “nunca” (segundo o raciocínio do inadimplente) ameaçaram ou causaram algum mal especificamente aos israelitas? Tudo indica que a lógica por trás da inadimplência a que me refiro neste artigo estava baseada nas respostas a perguntas semelhantes às supramencionadas. Vendo por este ângulo, os atos de Sansão vêm apenas confirmar o que eles já antecipavam: violência só trará mais violência. Logo, é melhor ser inadimplente e viver em paz do que ser obediente e viver sob ameaça.

No contexto atual, freqüentemente temperado com a indulgência peculiar à visão pós-moderna, onde os cristãos são chamados a *servir* ao invés de *matar* a “vizinhança ímpia”, qual seria uma lição que Deus estaria tentando nos en-

sinar nesta passagem? Com respeito à vocação confiada aos israelitas, precisamos entendê-la em consonância com a promessa feita a Abraão em Gênesis 15:16: “...porque a medida da injustiça dos amorreus ainda não se encheu.” O significado desta “medida” que ainda não se encheu será o assunto para um outro artigo. Por agora, é suficiente mencionar a justificativa oferecida em Deuteronômio 9:4-6. Segundo esta passagem, os israelitas deveriam matar os moradores daquela terra, destruir os seus monumentos religiosos e apossar-se de casas e plantações não por que eles mereciam aquela terra, ou porque eles eram mais justos do que os amorreus. As razões oferecidas são basicamente duas: (1) Deus estava usando a ocupação de Israel para punir “a iniquidade daquelas nações” (v. 5b); (2) Deus estava cumprindo uma promessa feita aos patriarcas (v. 5c). Olhando por este ângulo, o ato de tomar posse da terra pode ser diretamente correlacionado com a punição da iniquidade daquelas nações. Assim, a vocação de Israel não precisa ser vista como um holocausto, mas como um ato de misericórdia do Deus de Israel, punindo a iniquidade de uma era, denominada aqui como “a iniquidade dos amorreus”, que nenhuma outra nação teria o atrevimento de realizar.

Esta me parece ser a principal lição que o texto nos ensina. Deus estava chamando Israel para ser instrumento de um grandioso ato histórico, o qual provocaria tanto a admiração (cf. Dt 4.5-7) quanto a indignação de outras nações circunvizinhas, onde o nome de Iavé seria destacado como a fonte de tão abrangente transformação. Contudo, quando uma geração parece já ter desacreditado tanto de sua vocação como do poder de seu Deus para gerar transformações desta magnitude, “Sansões” podem ser usados para frustrar por completo tais gerações de inadimplentes ou desafiá-los a quitar seus débitos vocacionais.

ABSTRACT

This article is a proposal for reading Judges 15, taking into account some recent studies on Literary Criticism of the Old Testament. The author makes use of the metaphor of “vocational complacency” in order to answer the question raised in the title, which is also used to guide the reader in the task of literary competence. The core of the argument hinges on the premise of a gradual deterioration of the character of Israel’s judges. Hence the dilemma implicit in the question “Why does God use someone like Samson?” How does he want us to understand the way he dealt with Samson if we are required to seek God’s power by means of a faithful and sanctified life? According to the author, God uses people like Samson precisely due to the vocational complacency of Israel, for they are reluctant to respond to their vocation appropriately.

KEYWORDS

Samson; Literary Criticism; Literary Competence; Judges 15.